UNIVERSIDADE FEEVALE

SOFIA SCHEMES PRODANOV

CONTRASTES FONÉTICO-FONOLÓGICOS NA FALA DE MORADORES DE PICADA CAFÉ/RS

Novo Hamburgo

2021

SOFIA SCHEMES PRODANOV

CONTRASTES FONÉTICO-FONOLÓGICOS NA FALA DE MORADORES DE PICADA CAFÉ/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português/Inglês.

Orientadora Prof.ª Drª. Rosemari Lorenz Martins

Novo Hamburgo

2021

SOFIA SCHEMES PRODANOV

Trabalho de conclusão do Curso de História com título de Contrastes fonético-fonológicos na fala de moradores de Picada Café/RS, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, como requisito necessário para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras Português/Inglês.

Aprovada por:

_____

Prof.ª Drª Rosemari Lorenz Martins (Orientadora)

_____

Prof.ª Drª Lovani Volmer (Banca examinadora)

_____

Prof.ª Drª Claudini Fabricia Maurer Pedruzzi (Banca examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora professora Rosemari, minha família, meus amigos e aos meus filhos Otto e Remi, sem eles nada disso seria possível.

RESUMO

Este estudo, contrastes fonético-fonológicos na fala de moradores de Picada Café/RS, tem como objetivo analisar em que grupo de pessoas a variação diatópica do r-forte/r-fraco está mais presente. A pesquisa foi realizada, em razão da pandemia, por meio digital com moradoras desta cidade. Foram obtidos, no total, 185 dados de fala que foram analisados a partir de variáveis pré-estabelecidas, tais como idade e nível de escolaridade. Foi descoberto que, em apenas 33% do número total de dados, foi feita a troca dos róticos. Porém, a pesquisa também revelou que as informantes com idade inferior a 29 anos e com nível escolar mais alto foram as que mais realizaram trocas. Esses dados podem ser um indicativo de que as pessoas mais novas estejam começando a aceitar a condição de fazer essas trocas, algo tão comum na comunidade em que vivem.

Palavras-chave: Fala. *Hunsrückisch*. Português brasileiro. Variação linguística. R-forte/R-fraco.

ABSTRACT

This study, phonetic-phonological contrasts in the speech of residents of Picada Café/RS, aims to analyze in which group of people the diatopic variation of r-strong/r-weak is more present. Due to the pandemic, the research was carried out digitally with residents of the city. A total of 185 speech data was obtained, which were analyzed based on pre-established variables, such as age and education level. It was found that only 33% of the total number of data were swapped. However, the survey also revealed that informants younger than 29 years old and with a higher educational level were the ones who made the most commutations. These data may be an indication that younger people are beginning to accept the condition of making these swaps, something very common in the community in which they live.

Keywords: Speech. *Hunsrückisch.* Brazilian portuguese. Linguistic variation. R-strong/R-weak.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cidade de Picada Café/RS 14
Figura 2 – Pórtico de Picada Café 15
Figura 3 – Parque 15
Figura 4 – Moinho 15
Figura 5 – Açougue Progresso 16
Figura 6 – Aparelho Fonador 19
Figura 7 – Classificação das consoantes 21

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência global 36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nível de escolaridade 38
Tabela 2 – Faixa etária 39
Tabela 3 – Posição na palavra 40
Tabela 4 – Percentual de trocas por informante 37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vogais do Português 20
Quadro 2 – Formulário da pesquisa de campo 33
Quadro 3 – Palavras-alvo da pesquisa de campo 34
Quadro 4 – Percentual de trocas por informante 37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 A CIDADE DE PICADA CAFÉ 14
2.1 O DIALETO HUNSRÜCKISCH 17
3 A FALA E OS RÓTICOS 19
4 A TROCA ENTRE RÓTICOS: REVISÃO DE LEITURA 23
5 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA 32
5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA 32
5.2 COLETA DE DADOS, INSTRUMENTO E VARIÁVEIS 33
5.3 ANÁLISE DOS DADOS 35
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 42
REFERÊNCIAS 44

1 INTRODUÇÃO

Minha relação com os livros e com a leitura vem desde a infância, pois, como quase toda criança, eu gostava de livros de histórias e sempre fui muito incentivada a ler pelos meus pais. Desde muito pequena, costumo frequentar livrarias, pois nossos passeios no shopping em Porto Alegre, por exemplo, sempre tinham uma visita à alguma delas e, quando íamos a São Paulo, algumas livrarias também sempre estavam em nosso roteiro. Em 2005, quando eu estava com 8 anos, fomos a São Paulo e, na loja do Parque da Mônica, eu comprei um caderninho para anotações. Nesse mesmo dia, ao chegar ao hotel, eu escrevi meu primeiro conto.

Anos mais tarde, eu pedi para minha mãe comprar um autorama igual ao do meu primo e ela disse que era muito caro e que não compraria. Alguns meses depois, ela viu que a Folha de São Paulo, em seu suplemento infantil, tinha aberto um concurso para crianças, então resolvi participar. O tema era: como seria o mundo em mil anos. Eu, muito criativa, escrevi pequenos textos sobre diversos assuntos e enviei. Algumas semanas depois, recebi uma ligação do jornal dizendo que eu era uma das ganhadoras do concurso, fiquei muito feliz e, em algumas semanas, meu texto foi publicado juntamente com o dos outros ganhadores. Além da publicação no jornal, ganhei o prêmio mais esperado: um autorama igual ao do meu primo!

A partir desse momento, acredito que me conectei ainda mais com o universo da literatura, o que me fez, mais tarde, escolher cursar Letras e estudar mais profundamente esse universo. No curso de Letras, além de meu interesse pela literatura, conheci a área da linguística da qual gostei muito e decidi estudar um pouco mais sobre ela neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Nos últimos anos, por motivos familiares, venho mantendo contato frequente com moradores da cidade de Picada Café/RS e percebi que a maioria deles, independente de sexo, classe social, escolaridade ou idade têm a tendência de modificar os róticos, o que fez com que eu me interessasse em pesquisar os motivos dessa tendência.

Assim que decidi por essa temática, achei importante ver qual era o estado da arte, pois não faria sentido pesquisar algo sobre o que já tivessem sido realizados muitos trabalhos.

Dessa forma, por meio de uma busca na plataforma Unique e no Google Acadêmico inseri as palavras-chave: Fala; Português brasileiro; Variação linguística;

R-forte; R-fraco; Picada Café. Essa pesquisa resultou em apenas 3 trabalhos que continham alguma relação com a pesquisa que pretendo fazer, ou seja, a quantidade de trabalhos sobre o assunto é pequena. Na plataforma Scielo, também não foram encontrados trabalhos relacionados ao município de Picada Café/RS.

Pesquisei, também, na biblioteca da Feevale para identificar algum trabalho na área de Letras para o qual tivesse sido realizada uma pesquisa semelhante a que pretendo fazer. Esta pesquisa resultou em nenhum trabalho encontrado. Encontrei, apenas, trabalhos sobre a cidade em questão, mas não sobre a temática.

A partir dessas pesquisas, concluí que este trabalho será importante para a área de Letras e para ampliar o conhecimento a respeito da cidade de Picada Café/RS e sobre a fala de seus moradores, mais especificamente, sobre a variação entre os fonemas /R/ e /r/. Além disso, é importante, academicamente, entendermos em quais contextos as trocas linguísticas acontecem.

Com base nessa realidade, defini a seguinte questão norteadora para este trabalho de conclusão: em que medida moradoras de Picada Café/RS fazem trocas entre os fonemas /R/ e /r/ em sua fala em português brasileiro? E estabeleci como objetivo geral investigar as trocas entre róticos na fala de moradoras de Picada Café/RS e, como objetivos específicos, investigar (i) quais são os contextos linguísticos em que as trocas ocorrem com mais frequência e (ii) quais são os contextos extralinguísticos que favorecem a troca entre esses fonemas.

Para responder à questão de pesquisa e os objetivos estabelecidos, em primeiro lugar, apresento, no capítulo 2, a cidade de Picada Café/RS, município onde a pesquisa foi realizada e o dialeto *Hunsrückisch,* que ainda é falado por muitos moradores dessa localidade. Na sequência, no capítulo 3, abordo a fala e caracterizo os róticos. No capítulo 4, faço uma revisão de trabalhos já realizados sobre o tema, com o intuito de compreender os fatores fonético-fonológicos e extralinguísticos que motivam a troca entre os róticos. No capítulo 5, descrevo o percurso metodológico que segui para realizar a investigação, caracterizando as informantes, explicitando os instrumentos utilizados para coletar os dados, as variáveis investigadas e os procedimentos de análise, e, no sexto capítulo, trago os resultados e discuto-os à luz da teoria estudada e dos trabalhos revisados.

Quanto à metodologia, esta pesquisa é de natureza básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista”

(PRODANOV; FREITAS, 2013, p.126). Quanto ao objetivo, é descritiva, pois apresenta características de uma população através de coleta de dados, sem manipulá-los, procurando descobrir a frequência com que as trocas entre róticos ocorrem, a natureza e suas motivações. E, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, é bibliográfica, porque o parto de materiais já publicados, mas se constitui também como pesquisa de campo, uma vez que busco conhecimentos para verificar a hipótese de que moradoras de Picada Café/RS fazem trocas entre róticos em sua fala em português brasileiro, por meio de uma coleta de dados e da análise de variáveis que presumo relevantes para explicar as motivações de tais trocas.

Por fim, cabe destacar que este trabalho se caracteriza como uma pesquisa sociolinguística variacionista.

2 A CIDADE DE PICADA CAFÉ/RS

Localizada no estado do Rio Grande do Sul, na encosta da Serra Gaúcha (Figura 1), a cidade de Picada Café foi colonizada por alemães que vieram de uma região conhecida como Hunsrück, situada no sudoeste da Alemanha, em meados de 1844.

Figura 1 - Localização do município de Picada Café



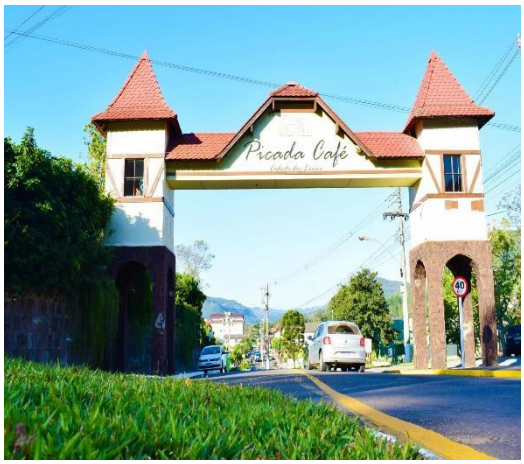
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Picada_Caf%C3%A9

Anteriormente à sua emancipação, em 20 de março de 1992, o município pertenceu à cidade de Nova Petrópolis e, após, recebeu áreas de municípios vizinhos, totalizando 83 km².

Existem duas versões sobre a origem do nome da cidade. A primeira, diz que decorre do fato de tropeiros, quando passavam perto do Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, pararem para descansar e tomar café antes de seguir viagem. A segunda versão conta que os imigrantes receberam mudas de café para serem plantadas em uma região do município denominada "kaffeeck" (canto do café, em alemão), essas mudas não teriam se desenvolvido, porém, o nome da região foi mantido (FLORES, 1996).

As influências culturais dos imigrantes alemães podem ser encontradas em vários locais da cidade, como no pórtico da entrada (Figura 2) e Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn (Figura 3), que trazem referências da arquitetura enxaimel, típica dos colonizadores alemães.

Figura 2 - Pórtico de Picada Café



Fonte: https://expansao.co/em-picada-cafe-portico-sera-revitalizado/

Figura 3 - Parque



Fonte:http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=16

A atividade econômica principal do município é a agropastoril. Cultivam-se cultiva milho, feijão, aipim, batatas, cana-de-açúcar, frutas, verduras e a criação de gado leiteiro, suíno e de aves. Esses produtos normalmente eram beneficiados na própria região, por isso encontramos vários moinhos de grãos ao longo dos arroios, conforme podemos ver na Figura 4. Algumas fábricas de queijo e de embutidos foram modernizadas e, ainda hoje, se mantêm em atividade. Nas últimas décadas, as indústrias ligadas ao setor coureiro-calçadista, do vestuário e de móveis, mudaram o perfil socioeconômico do município de forma significativa. (FLORES, 1996).

Figura 4 - Moinho



Fonte: http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=16

O comércio também é uma importante atividade econômica, visto que se desenvolveu logo que os colonos alemães se instalaram na cidade, pois era através dele que a colônia se vinculava aos centros urbanos maiores, especialmente Porto Alegre (RUPPENTHAL, 2008). Segundo Sperb (1987), as casas comerciais, conhecidas como vendas, eram locais muito movimentados, pois eram ponto de encontro dos moradores, não só para abastecimento de mercadorias, como para lazer. Elas eram, consoante Sperb (1987, p.17-18),

> lugar onde entre um charuto, um copo de vinho ou aguardente, e uma rapadura se discutia e ficava sabendo todas as novidades, desde políticas até religiosas, onde seguramente também se faziam mexericos da vida dos vizinhos e se realizavam negócios e transações entre os frequentadores. Lugar que podia se transformar, num fim de semana, num salão de baile, possibilitando a reunião de famílias, o encontro de jovens casadoiros. (SPERB, 1987, p. 17-18).

O açougue Progresso foi uma das casas comerciais que teve seu prédio preservado e se transformou em museu histórico, como podemos ver na Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Açougue Progresso



Fonte: http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1051655-5598,00-ACOUGUE+CENTENARIO+VIRA+MUSEU+NO+RS.html

Esse açougue, conforme Sperb (2020), foi construído na segunda metade do século XIX e pode ser caracterizado como uma “agroindústria primitiva”, pois, em suas dependências havia um defumador de carnes, dois galpões, estrebaria, moinho e dois fornos.

Os diversos bairros de Picada Café, no passado, contavam com capelas, moinhos, armazéns e salões, onde aconteciam bailes, casamentos e *kerbs*[1]. Hoje em dia, o cenário já é um pouco diferente. Os bairros mais centrais possuem indústrias, principalmente de calçados, móveis, lojas e restaurantes. O cenário é, com certeza, muito diferente do de anos atrás, porém, o espírito de comunidade está presente até hoje, como podemos ver nos diversos eventos que clubes privados e públicos oferecem à população da cidade, pois, de acordo com Roche (1969), os alemães desenvolveram um espírito comunitário desde sua chegada ao Brasil.

Por estar localizada próximo às cidades de Gramado, Canela e Nova Petrópolis, Picada Café recebe muitos turistas que aproveitam para conhecer a pequena cidade na subida para a serra. Dentre os principais pontos turísticos estão o Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, o Moinho, a Praça Santa Joana Francisca de Chantal e a Casa de Cultura.

2.1 O DIALETO *HUNSRÜCKISCH*

A cidade de Picada Café/RS, colonizada por alemães, ainda faz o uso de um dialeto alemão brasileiro (SPINASSÉ, 2008), que resultou de uma adaptação linguística dos imigrantes alemães em suas comunidades no Sul do Brasil. O dialeto alemão conhecido como *Hunsrückisch* falado no município é decorrente da colonização, já que os descendentes dos colonizadores buscam não apenas preservar o patrimônio material da cidade, como foi mostrado anteriormente, mas também as tradições e a língua, como um elemento identitário utilizado para a preservação da história. Conforme Spinassé (2008, p.122), o *Hunsrückisch*, mesmo tendo sido alterado no Brasil, ainda tem uma base essencialmente germânica e “é uma das línguas brasileiras, sendo considerada, junto de outras línguas de imigração e indígenas, patrimônio cultural imaterial do país”. Para Spinassé (2008, p.118),

> esse processo de adaptação linguística de imigrantes muitas vezes deixa rastros perceptíveis na língua falada, principalmente quando se trata de um grupo inteiro de língua minoritária dentro de uma comunidade de fala com outra língua como dominante. Esse contato linguístico entre língua majoritária oficial e língua minoritária familiar/comunitária pode desenvolver fenômenos

[1] "Festa popular de origem alemã, o termo significa festa de inauguração da igreja e representa a confraternização dos familiares. Pode atingir até três dias de festividades e compreende desde confraternizações até bailes com leilões". Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001888.htm. Acesso em 30/05/2021

> muito especiais e peculiares do ponto de vista linguístico – e o contato dos dialetos alemães falados quando da imigração com o português originou [...] novas variedades linguísticas: os dialetos alemães brasileiros. (SPINASSÉ, 2008, p.118).

A preservação e a continuidade da utilização do dialeto nas colônias do Rio Grande do Sul tiveram como um dos principais fatores o relativo isolamento dos colonos que se estabeleceram nessa região, pois eles foram obrigados a se organizar em comunidades para conseguir sobreviver e usavam a língua alemã em seu cotidiano, ou seja, existia uma pequena Alemanha durante alguns anos dentro de um espaço linguístico do português (Ibid, p.119). Entretanto, a língua portuguesa também era ensinada, embora pouco falada.

Segundo Spinassé (2008), no censo de 1940, no Rio Grande do Sul, 747.859 pessoas não falavam o português em casa, 393.934 dessas pessoas falavam alemão e 295.995, italiano, mesmo que 95% delas tenham nascido no Brasil.

> Vivendo nessa diáspora entre língua majoritária oficial e língua minoritária do lar, os elementos das duas línguas dominadas começaram a se misturar: o uso de lexemas de diferentes códigos linguísticos em uma mesma construção frasal (*code-mixing*) e o uso alternante de diferentes códigos linguísticos no discurso durante uma mesma conversa (*code-switching*) tornou-se uma prática usual. (SPINASSÉ, 2008, p.120).

A mesma autora concluiu que o resultado de todo esse processo foi uma nova variedade linguística que não é nem português nem alemão. concluiu, ainda, que existem várias diferenças entre o dialeto falado na Alemanha e o do Sul do Brasil, tanto que foi criado o termo *Riograndenser Hunsrückisch* que, segundo a autora, é questionável, pois o mesmo dialeto também é usado em Santa Catarina, no Paraná e no Espírito Santo. O corpus do *hunsrückisch*, de acordo com Spinassé (2008, p.122), “é bastante germânico, apesar de todos os empréstimos do português, lembrando muito a língua de origem; seu status, contudo, é brasileiro, devido, principalmente, ao contexto em que foi desenvolvido”.

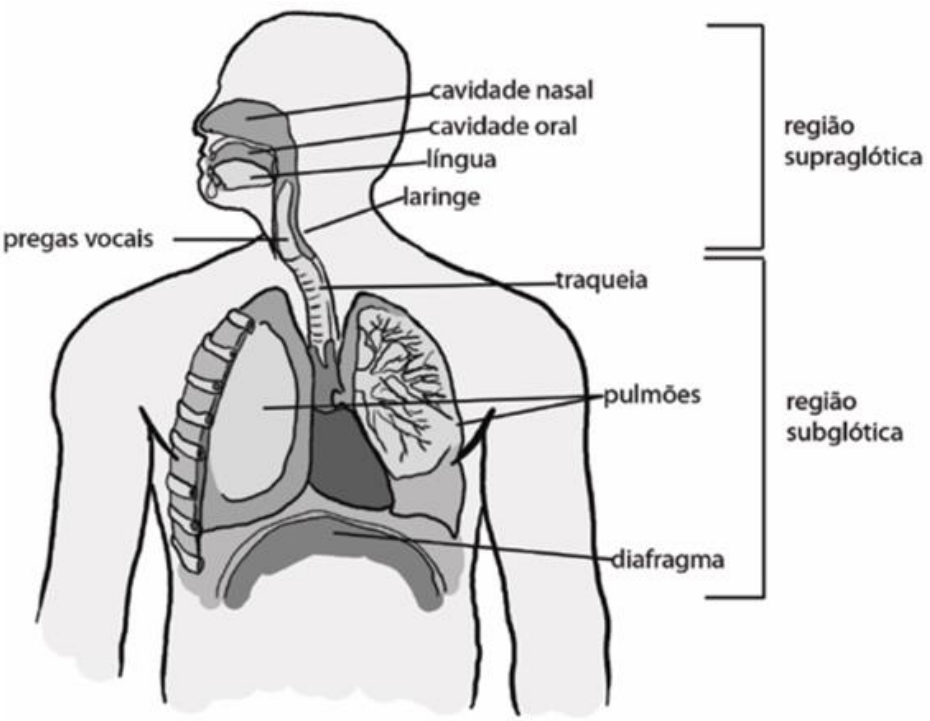
É nesse contexto que se desenvolve esta pesquisa que tenta compreender em que medida moradoras da cidade de Picada Café/RS fazem trocas entre róticos em sua fala em português brasileiro que podem decorrer de influências interlinguísticas do *Hunsrückisch*. Para isso, é importante, todavia, definir o que são róticos e caracterizá-los.

3 A FALA E OS RÓTICOS

Para compreendermos os mecanismos da fala e, em específico, as influências do *Hunsrückisch* na fala em português de moradoras de Picada Café/RS, é importante trazer alguns aspectos sobre a fala e conceituar os róticos.

A fala é o resultado do uso do aparelho fonador. Para acontecer, ela depende do funcionamento de um grande aparato que vai desde os lábios até o diafragma, como pode ser visto na Figura 6 abaixo.

Figura 6 – Aparelho fonador



Fonte: Seara et al. (2011, p.18).

Conforme Dubois et al. (2007), o ato da fala está dividido em três fases: a) articulação e fonação dos sons; b) propagação da mensagem através de ondas sonoras; c) interpretação da onda sonora pelo ouvido humano. Ou seja, primeiramente usamos nosso aparelho fonador, formado por um conjunto de órgãos do aparelho respiratório e digestivo, para reproduzirmos os fonemas desejados, e, para decifrarmos essas ondas sonoras, precisamos muito mais do que um ouvido. Para tanto deve haver, consoante Seara et al. (2011, p.11), “o reconhecimento da pronúncia

de cada um dos interlocutores, pois, mesmo que tivessem os órgãos da fala e da audição em perfeito estado, essa comunicação poderia não ter sucesso se um deles não compreendesse a língua falada pelo outro".

Os sons humanos produzidos na fala são chamados de fones ou segmentos. Eles constituem o sistema fonológico de uma língua que é constituído por sete vogais e dezenove consoantes, segundo Mattoso-Câmara (1976, p.31). O sistema vocálico organiza-se de forma triangular, como pode ser visto no Quadro 1.

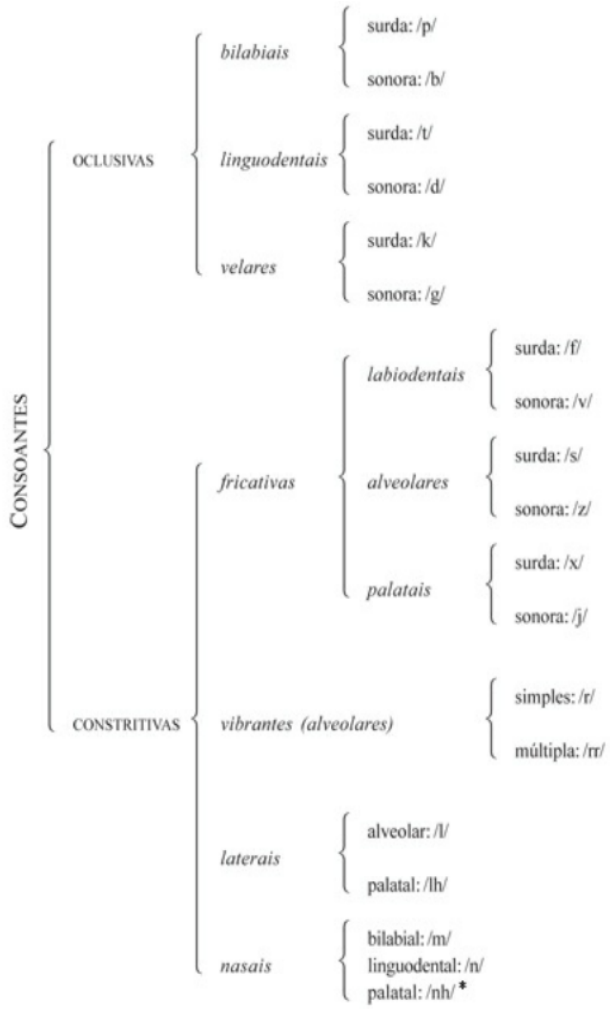
Quadro 1 – Vogais do Português

	anteriores	central	posteriores	
Altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
Baixa		a		
	posteriores	central	anteriores	

Fonte: Mattoso Câmara Jr. (1976, p.41).

A distribuição dos segmentos consonantais do português, por sua vez, se dá de acordo com o modo de articulação, o ponto de articulação e a sonoridade, como pode ser vista na Figura 7.

Figura 7 – Classificação das consoantes



Fonte: Bechara (2015, p.54).

Os fonemas em estudo, /R/ (erre forte) e /r/ (erre fraco), são classificados, de acordo com Bechara (2015, p.53), quanto ao modo de articulação, como "vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla)"; quanto à zona de articulação, como alveolares (língua em direção ou contra os alvéolos); quanto ao papel das cordas vocais, como sonoras; e, quanto a função das cavidades bucal e nasal, em orais.

O português brasileiro é uma das muitas línguas em que os róticos são comuns, por isso eles podem sofrer muita variação, tanto em relação ao modo de articulação, quanto no que diz respeito à sonoridade. Os sons do *erre* passaram a chamar muito a atenção de linguistas, de acordo com Martins (2015, p.42-43),

> [...] porque, além das diferentes pronúncias, que podem ser motivadas por fatores geográficos, étnicos, socioecômicos ou, ainda, decorrer da faixa etária dos falantes ou de fatores linguísticos, não há consenso entre os pesquisadores no que tange à existência de um ou dois róticos no português brasileiro. Em função disso, a análise dos róticos não é simples.

Assim, para conseguirmos entender seu uso, é preciso olhar para todas as variáveis possíveis da fala. Essa variação, contudo, não é um fenômeno novo. "É importante observar que não se trata de uma variação atual, pois a coexistência de variantes de /r/, num mesmo dialeto, já era observada por Gonçalves Viana no final do século XIX". (FRAGA, 2006, p.2).

Para que os róticos sejam interpretados de uma maneira adequada, de acordo com Callou e Leite (2005, p.75), o aspecto fonético necessita ser considerado, pois, como são recorrentes, subordinam-se ao contexto linguístico e aos diferentes dialetos. Conforme o trabalho das pesquisadoras citadas, o /R/

> realiza-se quase sempre como uma vibrante apical simples, um tepe alveolar sonoro, embora possa apresentar uma realização retroflexa – como seu correspondente forte – que caracteriza o chamado dialeto ‘caipira’, ou seja, é mais propenso a variações. (CALLOU; LEITE, 2005, p.75).

Ainda de acordo com Callou e Leite (2005), não há dúvidas de que no português, assim como em outras línguas românticas, como o espanhol, a articulação anterior do /R/ foi substituída por uma realização posterior. As autoras explicam essa mudança como necessária para articular as vibrações que produzem um erre apicoalveolar.

Mattoso Câmara, na década de 1950, não via diferença no rótico comparando palavras do tipo carro/caro, para ele existia somente um único fonema rótico, o /R/ (FRAGA, 2006). O /r/, era, para o linguista, um mero alofone de posição intervocálica, correspondendo, fonemicamente, “a um enfraquecimento, à maneira do que sofre o /b/, o /d/ e o /g/, determinado por essa posição”. (MATTOSO CÂMARA, 1953, p. 19). Muitos linguistas discordaram da visão de Câmara Júnior, o que o fez repensar suas ideias e, após quase vinte anos, o autor reconheceu a existência de dois fonemas róticos no PB. Porém, a ideia de que o português brasileiro tem dois róticos ainda não é difundida.

4 A TROCA ENTRE RÓTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

A troca entre róticos vem sendo pesquisada já há bastante tempo, especialmente por falantes bilíngues, falantes do português brasileiro e do *hunsrückisch* ou do vêneto. Uma dessas pesquisas é a realizada por Brescancini e Monaretto (2008, p.52) sobre o uso da vibrante no Sul do Brasil. Essa investigação evidencia que "a vibrante pode se manifestar de diferentes maneiras, principalmente, em final de palavra. Já em início de sílaba, a sua realização caracteriza diferentes etnias do Estado, como as regiões de colonização alemã [...]".

Outra pesquisa realizada por Monaretto (2009) foi sobre o projeto Atlas Linguístico da Região Sul, para o qual foram coletadas amostras de fala em zonas rurais da região Sul do Brasil. Essa investigação mostrou trocas em palavras como revólver e carro. Nesse caso, em 61% das palavras foi produzido o r-forte e em 24% o r-fraco. Já na cidade de Panambi, colonizada por alemães, a ocorrência de r-fraco chegou a 51%. Isso se explica, consoante a pesquisadora, por motivos étnicos-culturais, já que Panambi é uma cidade em que uma grande porcentagem dos habitantes é bilíngue (falantes de PB e de *hunsrückisch*).

Além das autoras apresentadas até esse momento, outras investigações realizadas podem ser consideradas referência nos estudos sobre o bilinguismo no Rio Grande do Sul, pois trazem pesquisas recentes acerca da utilização do *hunsrückisch* por crianças em idade escolar; sobre as atitudes e concepções linguísticas de professores em comunidades bilíngues; sobre o bilinguismo português/alemão e a influência da oralidade na escrita; e, por fim, sobre as influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *hunsrückisch*.

Sabrina Gewehr-Borella, em sua dissertação, intitulada “A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais”, defendida em 2010 na Universidade Católica de Pelotas, analisou e comparou as trocas de sonoridade de oclusivas no tripé produção escrita, percepção e produção oral de alunos monolíngues (PB) e bilíngues (PB e Hunsrückisch). Conforme a autora, o *hunsrückisch*, língua de imigração usada majoritariamente no Sul do Brasil, foi o dialeto escolhido para a pesquisa, pois ela observou em suas práticas em sala de aula no interior da cidade de Ivoti/RS, as peculiaridades que as crianças apresentavam em sua fala/escrita, tendo o *hunsrückisch* como língua materna (L1) e o português brasileiro (PB) como segunda língua (L2), pois “esses

alunos tinham o PB como uma segunda língua, já que falavam primeiramente e principalmente o *hunsrückisch* com seus familiares, antes de entrarem para o ambiente escolar" (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 17).

Com o objetivo de "esclarecer a razão do número maior de substituições de grafemas, representando as oclusivas surdas e sonoras nesta posição, por falantes bilíngues *Hunsrückisch-PB*" (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 17), o estudo foi realizado em duas cidades do estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande e Picada Café, que foram escolhidas pelas características linguísticas de suas populações. Os participantes da cidade de Rio Grande eram, exclusivamente, monolíngues (PB) e os da cidade de Picada Café eram, em parte, monolíngues (PB) e, em parte, bilíngues (PB e *Hunsrückisch*). No total, participaram do estudo 87 alunos do Ensino Fundamental da cidade de Rio Grande e 96 da cidade de Picada Café.

Para verificar a influência da fala bilíngue Hunsrückisch-PB no PB, a autora utilizou como instrumento de coleta de dados testes de escrita, gravações da fala em PB e gravações da fala em *Hunsrückisch*; para verificar a influência na escrita, foram utilizados, como instrumentos de coleta, um bingo, as anotações da professora regente da turma e um caderno de redações.

> Considerando o corpus analisado para esta pesquisa, podemos verificar que há claramente uma incidência maior de troca de 'sonoridade' das oclusivas na escrita de crianças bilíngues [...] do que na de crianças monolíngues. O motivo para esta afirmação foi constatado não somente na análise quantitativa das amostras dos ditados, mas também foi corroborado pela verificação acústica da fala dos informantes bilíngues durante produções feitas em PB e Hunsrückisch. O elevado número de trocas também pode estar ligado a um processo de hipercorreção. (GEWER-BORELLA, 2010, p.70).

Como resultado do estudo, a autora ainda informa que as crianças monolíngues fizeram trocas de baixa frequência[2], ao contrário dos alunos bilíngues, que tiveram uma porcentagem maior de trocas, consideradas erros de alta frequência.

> [...] devemos deixar claro de que nem todas as crianças bilíngues apresentam trocas em suas escritas. Por alguma razão que ainda precisa ser investigada, algumas crianças bilíngues não apresentam dificuldade em suas escritas, não apresentando, portanto, a transferência garfo-fônico-fonológica constatada neste trabalho. Para que as trocas grafêmicas possam diminuir, em todos os grupos participantes, acreditamos que um pouco da instrução direta e específica deveria voltar a ocorrer no processo de alfabetização. (GEWEHR-BORELLA, 2010, p. 168).

[2] "Palavras de alta frequência são aquelas com alto índice de ocorrência, já as de baixa frequência com baixo índice de ocorrência" (MACEDO, et al 2007, p.277).

A análise dos dados mostrou que alguns dos participantes não apresentaram transferências. Conforme a autora, cada indivíduo percebe o mundo de forma diferente, pois parte de suas experiências e expectativas, por isso a importância de observar cada um dos dados com um olhar singular. A esse respeito, MacWhinney (apud GEWEHR-BORELLA, 2010, p.172), diz que:

> o aprendiz traz consigo, para a aprendizagem de uma segunda língua, características de seu primeiro sistema linguístico, além de aspectos não-linguísticos, bastante relevantes para o processo de aprendizagem, como o conhecimento de mundo, por exemplo.

Gewehr-Borella (2010) informa que a pesquisa também concluiu que nos três tipos de dados – escrita, percepção e produção de fala -, ela pode observar dois tipos de transferências: as grafo-fônico-fonológicas e as fonético-fonológicas. As primeiras resultaram da transferência da fala para a escrita e as segundas, da dificuldade de percepção das diferenças acústico-articulatórias entre L1 e L2. A autora também afirma que alguns dos participantes apresentaram uma correlação positiva entre a taxa de trocas de alguns grafemas e os erros de percepção e produção de fala desses segmentos o que, para Gewehr-Borella (2010), pode sugerir que os processos de produção escrita, oral e percepção possam estar relacionados.

Maria Nilse Schneider, na tese intitulada "Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul" (UFRGS, Porto Alegre, 2007), analisa a relação da língua alemã com a portuguesa nas práticas de 20 professores em comunidades rurais bilíngues no Rio Grande do Sul. Segundo Schneider (2007) o bilinguismo no Sul do Brasil é uma característica bastante significativas> Nas regiões bilíngues, o português, em contato com línguas de imigração, apropriou-se de características específicas que se refletem em traços fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais e pragmático-discursivos característicos.

O objetivo principal da pesquisa de Schneider (2007) pesquisa foi

> promover uma conscientização sociolinguística sobre a necessidade de os professores desconstruírem os preconceitos linguísticos, em relação às ‘interferências’ interlinguais na aprendizagem de uma L2 e às supostas ‘dificuldades’ frequentemente atribuídas a crianças bilíngues, bem como ressaltar a importância de fomentarmos o bilinguismo societal e implementarmos o ensino bilingue em comunidades bilingues. (SCHNEIDER, 2007, p.14-15).

Foi a partir de experiências pessoais que a autora teve a motivação para esse estudo, pois, durante seu convívio com crianças multilíngues na escola, percebeu o quanto o preconceito linguístico estava presente no ambiente escolar. Esse preconceito se manifesta como um lugar onde o "certo" e o "errado" são enfatizados, quando a escola está preocupada em ensinar o português padrão. Segundo Schneider, “de certa forma, o sistema educacional impõe esse paradigma aos professores, o qual, no entanto, muitas vezes, implica discriminação e exclusão social e/ou linguística. (SCHNEIDER, 2007, p. 17).

Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa foram, a partir do discurso didático-pedagógico, questionários, entrevistas e comentários informais, já da interação face a face, foram usadas gravações audiovisuais e observações de sala de aula.

> Na descrição e análise do discurso didático-pedagógico, focalizamos as experiências dos professores e as suas reflexões e interpretações sobre elas, bem como o seu contexto sociocultural e sociolinguístico e a forma como eles moldam as suas experiências. Na descrição e análise de suas práticas sociais, focalizamos o modo como as suas concepções se refletem no tratamento que conferem ao uso de alemão em aula e às ‘trocas de letras’, bem como a co-construção da estigmatização social de traços de fala e de seus falantes. Através dessa combinação metodológica pudemos traçar o perfil sociolinguístico das comunidades de fala e dos professores e proporcionar uma descrição e análise mais aprofundada de suas atitudes e concepções linguísticas, observadas em seu fazer didático-pedagógico, pois, em diversos momentos da produção e análise documental dos dados, ambos os métodos puderam exercer funções de complementaridade, o que permitiu inter-relacionar os diferentes resultados. (SCHNEIDER, 2007, p.121-122).

Como resultados dessa pesquisa, foram observados diversos fatores sociolinguísticos que pareceram constituir características da fala do grupo de estudos. Dentre esses fatores, a autora destaca “o uso alternado de alemão e português, as (des)sonorizações dos fonemas /b, d, g, ʒ/ < > /p, t, k, s/ e a neutralização da vibrante, isto é, o [r] forte é pronunciado como tepe” (SCHNEIDER, 2007, p. 138). De acordo com a visão dos professores, essas trocas ocorrem por causa do contato que a criança tem com as duas línguas, português e alemão. Lembrando que, no Sul do Brasil, é muito comum falar alemão em casa, principalmente com pessoas mais velhas, o português em ambiente escolar.

> A interação desses fatores favoreceu a manutenção do HR, de tal modo que, 150 anos após a chegada dos primeiros imigrantes alemães (1856 - 2006), o repertório linguístico destas comunidades constitui-se, primordialmente, pela alternância de português e HR. Até mesmo na 5a geração a sua manutenção é bastante elevada, pois entre os 312 alunos, 170 (54%) referiram ter um alto grau de domínio dessa

> variedade. Todavia, a maioria dos alunos da escola A (inserida em área urbana) referiu ter um baixo ou nenhum grau de domínio e uso de HR na família, enquanto nas escolas B e C (inseridas em áreas exclusivamente rurais) a maioria referiu ter um alto grau de domínio e uso de HR na família, o que se confirma na análise das gravações de aulas. (SCHNEIDER, 2007, p. 247).

Esse estudo é importante porque promove uma reflexão a respeito da complexidade sociolinguística e cultural que existe em comunidades multilíngues. Quando a autora informa que 54% dos alunos ainda alternam a língua de seus antepassados com a língua portuguesa, isso fica muito claro, ou seja, a influência dos costumes e das tradições que fazem parte da cultura de uma comunidade não pode ser desconsiderado pelos profissionais da educação sob pena de não conseguirem compreender de forma satisfatória o processo de ensino-aprendizagem.

O artigo intitulado "Bilinguismo português/alemão: a influência da oralidade na escrita", de autoria de Glívia Nunes, Ketlin Perske e Giovana Ferreira-Gonçalves, publicado no ano de 2010, na Revista Ideias (UFSM), apresenta as dificuldades na escrita de crianças bilíngues (português/alemão) da cidade de Agudo/RS, levando em conta as interferências entre essas línguas. O objetivo geral da pesquisa foi identificar, descrever e analisar dificuldades de escrita, levando em conta o bilinguismo de crianças do 2º, 4º e 6º ano de uma escola da zona rural de Agudo/RS, cidade de colonização alemã. Já os objetivos específicos foram investigar a influência da oralidade na escrita; detectar os erros ortográficos mais frequentes na escrita dos alunos; identificar a relação do dialeto alemão com os erros ortográficos e verificar a ocorrência de alterações nas hierarquias de restrições.

Segundo as autoras,

> [...] nessa cidade, grande parte da população não só possui descendência, como também fala o alemão. O dialeto falado no município é o *Hunsrückisch.* Também é importante ressaltar que é oferecido às crianças, nessa escola, o aprendizado do alemão-padrão como língua estrangeira a partir da 5a série, mas muitas delas aprenderam a variedade de imigração. (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 2).

A metodologia utilizada na pesquisa consistiu em uma coleta de dados longitudinal, nos anos de 2008, 2009 e 2010, mas os dados apresentados no trabalho são referentes ao ano de 2008. O corpus foi constituído de 56 narrativas orais e escritas, obtidas a partir de produções de crianças do 2º, 4º e 6º ano de uma escola de ensino fundamental da cidade citada. Para a coleta de dados das narrativas orais, foi utilizado um gravador, e, para as narrativas escritas, cada aluno recebeu uma folha,

juntamente com a cópia de um livro sem escrita, para que pudesse escrever a narração da estória. Para coletar os dados,

> individualmente, cada sujeito foi chamado em uma sala de aula e, após folhear o livro, o entrevistador solicitava que a criança narrasse oralmente o que se passava com a personagem principal da estória. As narrativas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Para as coletas das narrativas escritas, foi ocupado um período (50 min) das aulas de português de cada turma. Na própria sala de aula, cada aluno recebeu uma folha de redação e uma cópia do livro *Frog*,*where are you?* a fim de narrar, por escrito, a estória. Os erros detectados na oralidade e na escrita foram classificados por tipo de processo fonológico e por sujeito. (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Os resultados da pesquisa mostram trocas de fonemas nas narrativas orais e na escrita.

> Na oralidade, foi detectado um processo de troca de líquidas, a troca do r-forte /X/ pelo r-fraco [r], como em cacho[r]o, por exemplo. Também foram verificados o processo de não- palatalização do /t/ e do /d/ , o processo de semivocalização ,quando trocam /L/ por [j], como em abe[j]a, e a troca /aw/ por [on],como ch[on], por exemplo. (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Percebeu-se, também, que, quanto maior o ano escolar do aluno, maior o número de processos manifestados: “o sujeito Gio (6º ano) manifestou 31 ocorrências, enquanto o sujeito Raq, (4º ano) apresentou apenas 9 ocorrências e o aluno Éd (2º ano) totalizou 11 ocorrências” (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7). Levando em conta os dados apresentados em relação à escrita, as autoras informam que

> os processos de dessonorização, como /g/ por [k] e /b/ por [p], como em [c]urisinho e [p]uraco, respectivamente. Processos de sonorização também foram encontrados, são eles: /k/ por [g] e /t/ por [d], como em ja[g]aré e [d]inha Além disso, foi verificada a troca de líquidas, quando substituem o r- forte /rr/ pelo r- fraco [r] (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 7).

Novamente detectou-se que quanto maior o ano escolar, mais trocas eram cometidas, assim como aconteceu nos dados da oralidade. Considerando que quanto maior a idade dos alunos, maior a incidência de processos de trocas apresentados por eles, concluiu-se que o dialeto alemão tem uma grande influência na fala e na escrita, “pois os erros encontrados nas produções escritas dos sujeitos estão relacionados a processos fonológicos aplicados à oralidade” (NUNES, PERSKE, FERREIRA-GOLÇALVES, 2008, p. 11).

As autoras finalizaram seu artigo fazendo referência a outros autores que corroboram suas conclusões, dizendo que o sujeito bilíngue já foi objeto de muitas

pesquisas e que as alterações percebidas na escrita da língua portuguesa são resultantes da interferência de outra língua, no caso, a alemã. Para Gärtner (apud NUNES, PERSKE, FERREIRA-GONÇALVES, 2008), essas interferências seriam as divergências ortográficas gerais e de origem na fonética, as divergências lexicais por uso de palavras erradas ou não convenientes na língua padrão e as divergências lexicais por uso de vocábulos dialetais.

A conclusão das autoras, a partir dos resultados da pesquisa, é que o confronto entre o dialeto alemão e o português reflete na escrita dos alunos, já que, quando eles começam a frequentar a escola, não falam com fluência a língua portuguesa e se direcionam para a oralidade da língua alemã.

Rosemari Lorenz Martins, em sua tese intitulada "Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *hunsrückisch*: consoantes oclusivas, fricativas e róticas", defendida na PUC/RS no ano de 2013, analisou as influências interlinguísticas na fala de crianças bilíngues falantes de português brasileiro (PB) e dialeto alemão *hunsrückisch* em fase de alfabetização nas zonas urbana e rural da cidade de Morro Reuter/RS. De acordo com Martins (2013), o objetivo da pesquisa foi investigar as trocas relativas às consoantes oclusivas, fricativas e róticas, a partir dos processos de sonorização, dessonorização, neutralização e potencialização, e identificar as influências extralinguísticas que levam a criança a fazer, ou não, trocas. A pesquisadora pretendeu, também, “identificar o papel de contextos linguísticos e a influência do tempo de escolaridade, do sexo e da zona de moradia dos informantes (rural e urbana) em cada um dos processos” (MARTINS, 2013, p.7).

Segundo a autora, é possível que a dificuldade na escrita tenha conexão com o bilinguismo, já que falantes de uma L2 recorrem à L1 quando necessário. Assim, a pesquisa foi desenvolvida para entender onde e por que esse fenômeno ocorre. Outra questão apresentada na tese diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam as trocas de fonemas, as quais são importantes para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, pois conforme a autora, o tempo de escolaridade, o sexo e a zona de moradia – rural ou urbana - dos informantes têm influência relevante no processo estudado, assim como o contexto em que os fonemas em estudo ocorrem: início ou meio de palavra, em posição tônica, pré-tônica ou pós-tônica.

O corpus da pesquisa foi constituído por 104 indivíduos, dentre eles, 72 crianças e 32 adultos. Sobre os informantes adultos a pesquisadora informou:

> A amostra dos informantes adultos ficou estabelecida após a definição do grupo de crianças bilíngues, já que foi composta pelos pais ou pelas mães e pelas avós das crianças bilíngues participantes. Para a obtenção de dados mais fiéis, estabeleceu-se que, no que se refere a pais e avós, participaria da pesquisa a pessoa que passasse mais tempo com a criança. (MARTINS, 2013, p.120).

Para a realização da pesquisa foram utilizados sete instrumentos, seis para as crianças e um para os adultos.

> Às crianças bilíngues, foram aplicados a) dois instrumentos para a coleta de dados de fala, em momentos distintos, e b) dois instrumentos para a coleta de dados de escrita, também em momentos distintos. Nos dois casos, o objetivo foi a obtenção de quantidade suficiente de ocorrências e, consequentemente, fidedignidade de resultados. Adicionalmente, foram aplicados c) um teste de reconhecimento de sons produzidos com troca na primeira amostra de fala e d) um teste de conhecimento ortográfico, com base na identificação de erros de ortografia produzidos no primeiro ditado aplicado (MARTINS, 2013, p. 121).

No que tange aos resultados obtidos por Martins (2013), interessam a esta pesquisa as conclusões relativas aos róticos, mais especificamente, o processo de neutralização. Segundo Martins (2013, p.106),

> A neutralização do rótico é, seguramente, o processo mais recorrente. Devido à alta frequência, que passa despercebido como um traço socialmente marcado e estigmatizado pelos falantes locais, a ponto de nem mesmo os professores perceberem sua própria produção de tais trocas, como mostrou a pesquisadora. (MARTINS, 2013, p. 106).

Ou seja, a troca do rótico na fala é recorrente, muitas vezes, passa até despercebida, pois é um processo que está enraizado nas comunidades bilíngues (PB/HR). Frequentemente, nem mesmo os professores percebem esse fenômeno. Contudo, para a autora, se pensarmos nesse fenômeno no PB, em posição intervocálica, o contraste fonêmico é muito grande, podendo muitas vezes influir no sentido das palavras, o que não acontece no HR ou alemão padrão, já que nessas línguas o único rótico existente é o r-fraco.

> No PB, esse abrandamento provoca certo estranhamento, principalmente em posição intervocálica, porque o contraste fonêmico entre r-forte e r-fraco influi, quando estão fora do contexto, no significado das palavras, como em carro e caro e murro e muro. O sentido dessas palavras, no entanto, pode ser depreendido pelo contexto em que são produzidas, o que minimiza o problema da troca e, possivelmente, diminui o estigma relacionado à neutralização para os falantes bilíngues. Além disso, no alemão padrão, da mesma forma como no HR, só existe um rótico, o r-fraco, e não há nenhum caso de oposição lexical que envolva diferentes tipos de róticos (1996) (MARTINS, 2013, p.107).

Os resultados gerais da pesquisa da autora sugerem que nem todos os processos fonético-fonológicos de trocas resultam da influência do HR no PB.

> Esses resultados mostram que, apesar de os processos fonético-fonológicos de trocas verificados nas duas modalidades da língua serem os mesmos, os fatores que condicionam as trocas são diferentes, o que revela que as trocas possuem motivações diferentes para a fala e a para a escrita. (MARTINS, 2013, p. 268).

Além disso, os mesmos processos de troca na escrita foram percebidos também nas amostras de indivíduos monolíngues, principalmente quanto à neutralização dos róticos.

> Dessa forma, apenas as trocas motivadas por sonorização e dessonorização parecem resultar de alguma influência do HR, já que, nesses casos, o percentual de trocas das crianças bilíngues foi bem superior ao verificado entre as monolíngues. (MARTINS, 2013, p. 269).

Com base nas pesquisas apresentadas até aqui, nas quais os autores apresentam de que forma acontece a utilização do *hunsrückisch* por crianças em idade escolar, como o bilinguismo português/alemão influencia na escrita e nas atitudes e concepções linguísticas de professores nessas comunidades bilíngues e como se dão as influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *hunsrückisch,* é possível concluir que, especialmente no que diz respeito à troca entre róticos, as crianças bilíngues (falantes de português brasileiro e *hunsrückisch*) tendem a neutralizar a vibrante múltipla em sua fala em português. Todavia, fica evidente, além disso, que, no que diz respeito à escrita, a troca de ‘rr’ por ‘r’, como na escrita de ‘caroça’ para ‘carroça’, ocorre também na escrita de crianças monolíngues, o que sugere que esse tipo de escrita se deve ao desconhecimento do uso do dígrafo ‘rr’.

Ainda quanto às trocas na escrita, estudos como o de Cagliari (2002) e de Martins (2013) referem que as trocas vão diminuindo à medida que avança o processo de escolarização. Na fala, todavia, parece que as trocas permanecem na fala adulta. É nessa hipótese que se baseia este trabalho, que objetiva investigar as trocas entre os fonemas /R/ e /r/ na fala de mulheres adultas da cidade de Picada Café/RS.

O percurso realizado para responder a este objetivo está descrito no capítulo a seguir.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia desta pesquisa caracteriza-se, do ponto de vista de sua natureza, como básica, porque tem como objetivo produzir conhecimentos para avançar nos estudos de variação linguística (PRODANOV; FREITAS, 2013). Não se prevê uma aplicação prática dos conhecimentos produzidos no âmbito deste trabalho, mas eles servirão para traçar um breve panorama da fala de moradoras de Picada Café/RS. A abordagem do problema é de ordem quanti e qualitativa, pois, em um primeiro momento, foram coletados dados de fala os quais foram analisados estatisticamente, mas, em um segundo momento, os resultados dessa análise foram interpretados e atribuíram-se significados a cada um deles.

Quanto ao objetivo, a pesquisa é descritiva, pois apresenta características de uma população através de coleta de dados, sem manipulá-los, procurando descobrir a frequência com que as trocas entre róticos ocorrem, a natureza dessas trocas e suas motivações (PRODANOV; FREITAS, 2013). E, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizado um levantamento de dados. O levantamento de dados deu-se através da pesquisa de campo, utilizada para obter informações sobre um problema para o qual buscaram respostas. Esse tipo de pesquisa “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.59).

Por fim, para qualquer pesquisa de campo, entretanto, é preciso realizar uma pesquisa bibliográfica, que parte de materiais já publicados que são fundamentais para o embasamento teórico do estudo.

5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são 20 mulheres residentes no município de Picada Café/RS. As participantes foram escolhidas a partir de indicação de pessoas que residem no município. A pesquisadora entrou em contato com essas pessoas pelo aplicativo *WhatsApp* explicando os objetivos da pesquisa e seu percurso metodológico de uma forma resumida e simplificada, dizendo que seus nomes não seriam divulgados, pois os informantes seriam nominados como Informantes A, B, C e, assim

por diante, para preservar sua identidade, já que esta é uma questão importante que diz respeito à ética em pesquisa.

A todas as participantes foi solicitada a autorização para a utilização de suas respostas, após explicar os objetivos do estudo e assegurar o anonimato, a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas, assim como esclarecer que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins acadêmicos, sendo facultada a cada uma a decisão de aceitar ou não, bem como de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum ônus ou prejuízo.

5.2 COLETA DE DADOS, INSTRUMENTO E VARIÁVEIS

A coleta de dados da pesquisa foi feita através de áudio no *WhatsApp* com moradoras da cidade de Picada Café/RS. Para isso, foram enviadas seis imagens, conforme pode ser visualizado no Quadro 2 a seguir. As imagens foram tiradas da internet. Foi pedido às entrevistadas que criassem uma historinha em que aparecessem os nomes dos objetos, das pessoas ou dos animais representados nas imagens.

Quadro 2 – Formulário da pesquisa de campo

Imagem 1 	Imagem 2 	Imagem 3 
Imagem 4 	Imagem 5 	Imagem 6 

Fonte: Elaborado pela autora

Para cada imagem, foram pensadas palavras específicas que poderiam aparecer na fala das informantes para que elas falassem oralmente os fonemas-alvo do estudo. As palavras-alvo foram escolhidas para que os fonemas em estudo estivessem “localizados em duas posições na palavra morfológica (início e meio) e em três posições silábicas, de acordo com a tonicidade (pré-tônica, tônica e pós-tônica)” (MARTINS, 2015). As palavras selecionadas são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Palavras-alvo da pesquisa de campo

Imagem	**Palavras**
1	Rinoceronte, girafa.
2	Buraco, bueiro, dinheiro.
3	Cachorro, carinho.
4	Carro, rua.
5	Carruagem, roda.
6	Rei, rainha, reino.

Fonte: Elaborado pela autora

Após a coleta de dados, as palavras que incluíam os fonemas-alvo da pesquisa foram transcritas e codificadas para a realização da análise através do programa GoldVarb X, que, segundo Guy e Zilles (2007, p.105), “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” que surgiu a partir do pacote de programas conhecido como *Variable Rules* - VARBRUL, o qual tinha um programa específico para cada ação.

Foram analisadas, nesta pesquisa, as variáveis linguísticas posição do fonema na palavra e tonicidade e as variáveis extralinguística escolaridade e faixa etária. Essas variáveis foram definidas a partir da revisão dos trabalhos já realizados sobre o tema que indicaram essas variáveis como relevantes para a troca entre róticos.

A variável *posição do fonema-alvo* se refere a: início da palavra, como em *rainha*, ou no meio da palavra, como em *carro*. A variável *tonicidade* pode estar em posição tônica ou átona, por isso foram levadas em consideração as seguintes variáveis: pré-tônica (ex: ratoeira, carruagem); pós-tônica (ex: cachorro) ou tônica (ex: rato, carroça).

Para a análise das variáveis independentes extralinguísticas, foram considerados: a) Escolaridade (Ensino fundamental completo; Ensino médio completo; Ensino superior completo) e b) Idade (10-29; 30-49; 50-69).

5.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados desta pesquisa foram analisados a partir dos autores apresentados no referencial teórico, ou seja, a interpretação dos dados e as discussões da pesquisa de campo foram realizadas levando em consideração as teorias já existentes e os objetivos desta pesquisa.

Para a organização dos dados coletados, foram elaborados quadros e gráficos para facilitar a visualização dos resultados de maneira a auxiliar na resposta da questão norteadora desta pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2016), nessa fase, é importante a comparação com a literatura existente, de forma a compreender com mais amplitude os dados coletados.

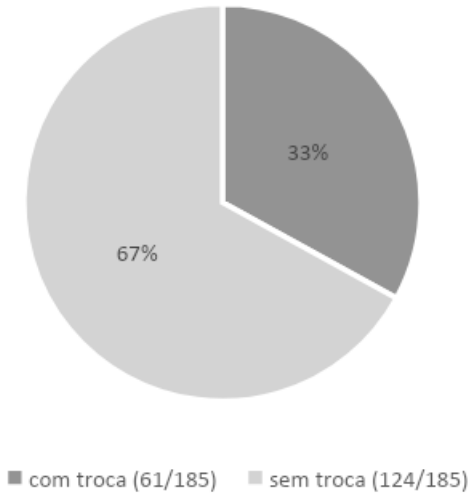
Descrito o percurso utilizado para a realização da pesquisa, apresentam-se discutem-se, a seguir, os resultados encontrados.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa realizada, com o objetivo de analisar a ocorrência da troca entre róticos, levando em conta as variáveis analisadas, quais sejam: escolaridade; faixa etária; posição do rótico na palavra morfológica e tonicidade.

A análise da frequência global mostrou que a troca entre róticos foi bastante alta para o público investigado, como pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1: Frequência global



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando-se o Gráfico 1, vê-se que, de um total de 185 ocorrências do rótico, ocorreu troca em 61, o que equivale a 33%. Esse resultado, embora revele uma frequência de troca alta, é inferior ao percentual verificado por Martins (2013), que encontrou 76,6% de neutralizações na fala de adultos de Morro Reuter/RS.

Analisando-se individualmente cada uma das informantes, vê-se, contudo, que essa frequência alta de trocas não ocorreu de modo uniforme na fala de todas as informantes. Como pode ser visualizado no Quadro 4, a seguir, as informantes A, C, D, E, G, H, L, P, Q, R e S não realizaram nenhuma troca, o que equivale a 55% do total de participantes. Já 4 delas (B, F, M e O), o que equivale a 20%, fizeram troca em todos os róticos que produziram. As demais participantes (I, J, K, N e T) fizeram entre 11,1% e 64,3% de trocas).

Quadro 4 - Percentual de trocas por informante

INFORMANTE	PRODUÇÃO	PERCENTUAL
A	0/25	0%
B	11/11	100%
C	0/6	0%
D	0/6	0%
E	0/6	0%
F	15/15	100%
G	0/3	0%
H	0/16	0%
I	6/11	54,4%
J	1/9	11,1%
K	3/5	60%
L	0/11	0%
M	5/5	100%
N	9/14	64,3%
O	10/10	100%
P	0/20	0%
Q	0/1	0%
R	0/9	0%
S	0/9	0%
T	1/2	50%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dando continuidade, a análise estatística realizada mostrou que as variáveis *posição do fonema-alvo na palavra morfológica*, *tonicidade* e *idade* das informantes não representam um papel significativo para as trocas entre róticos, considerando o público em estudo. Assim, a única variável que se mostrou relevante para a aplicação do fenômeno foi a escolaridade. Os resultados para essa variável são apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Nível de escolaridade

sexo			
Fatores	**Aplicação/Total**	**Percentagem**	**Peso relativo**
médio	11/67	16,4%	0,301
superior	50/118	42,4%	0,617
TOTAL	61/185	33,0%	

Input: 0,313 significance: 0,000

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando a Tabela 1, podemos perceber que os entrevistados com ensino superior fizeram troca dos róticos em 42,4% dos casos (50/118), isto é, ocorreu troca em 50 das 118 ocorrências. Isso equivale a um peso relativo de 0,617. Já os informantes com ensino médio, realizaram trocas em apenas 16,4%, em 11 das 67 possibilidades, o que equivale a um peso relativo de 0,301. Esses resultados mostram que, contrariando as expectativas, as informantes com ensino superior se mostraram mais suscetíveis a realizar trocas. O peso relativo 0,617 mostra que o contexto ensino superior é favorável para a troca, enquanto o contexto ensino médio, com peso relativo 0,301 mostra-se pouco favorável para a troca.

Esse resultado, embora surpreendente, já que se esperaria que as trocas diminuíssem à medida que avança a escolaridade, conforme propõem Cagliari (2002) e como foi verificado por Martins (2013), não pode ser generalizado, uma vez que o número de informantes foi baixo. Além disso, apenas 45% do total das participantes apresentaram trocas e, dessas, 20% trocaram todos os róticos. Esse resultado também precisa ser visto com ressalvas porque o número de informantes para cada nível de ensino não foi o mesmo (Ensino Fundamental - uma participante; Ensino Médio - cinco participantes; Ensino Superior - quatorze informantes).

Apesar de as demais variáveis analisadas não terem sido consideradas estatisticamente relevantes para o fenômeno em estudo, optou-se por apresentar os resultados encontrados para tentar entender como se apresentam os contextos de troca dos róticos para esse grupo de informantes. Sendo assim, na Tabela 2, são apresentados os resultados obtidos considerando-se a faixa etária.

Tabela 2 – Faixa etária

Fatores	**Aplicação/Total**	**Percentagem**
30 a 49 anos	41/129	31,8%
10 a 29 anos	20/56	35,7%
TOTAL	61/185	33,0%

Input: 0,313 significance:0,000

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Com relação à faixa etária, vê-se que as trocas foram mais frequentes entre as informantes com menos idade (dos 10 aos 29 anos), as quais fizeram trocas em 20 das 56 ocorrências possíveis, o que equivale a 35,7%. Já as informantes mais velhas (dos 30 aos 49 anos) fizeram trocas em 31,8%, isto é, trocaram os róticos em 41 das 129 possibilidades. O percentual variou muito pouco, mas, mesmo assim, o resultado chama a atenção novamente, uma vez que se esperaria que as informantes mais velhas fizessem mais trocas. Isso porque, pessoas em idade escolar, normalmente, são mais "cuidadosas" com a fala, evitam mais as trocas, em função do estigma relacionado a esse tipo de troca, que fica mais evidente em espaços escolares.

Todavia, cruzando-se as variáveis escolaridade e faixa etária, verificou-se que todas as trocas do nível superior foram realizadas por informantes da faixa etária de 30 a 49 anos. Já no caso das trocas do nível médio, 30 foram feitas por informantes da faixa etária 30 a 49 anos e 20 pelas informantes da faixa etárias 10 a 29. Isso confirma que o maior número de trocas foi feito pelas informantes de faixa etária maior e com nível de escolaridade também maior.

No que diz respeito à posição dos róticos na palavra morfológica, as trocas foram mais frequentes quando o fonema aparecia no início da palavra. Isso aconteceu em 36,9% das ocorrências (45/122). Quando o rótico estava em meio de palavra, a troca ocorreu em apenas 25,4% dos casos (16/63), como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 – Posição na palavra

Tonicidade		
Fatores	**Aplicação/Total**	**Percentagem**
Meio de palavra (‘caruagem’ para *carruagem*)	16/63	25,4%
Início da palavra (‘rato’ para *Rato*)	45/122	36,9%
TOTAL	61/185	33,%

Input: 0,313 significance:0,000

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Esse resultado está em consonância com o obtido por Gewehr-Borella (2010), Ferreira-Gonçalves, Nunes e Perske (2009) e Martins (2013), que também encontraram trocas tanto em início quanto em meio de palavra.

Os resultados obtidos para a análise da variável tonicidade são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Tonicidade

Fatores	**Aplicação/Total**	**Percentagem**
tônica (‘garafa’ para *garrafa*)	27/81	33,3%
pós-tônica (‘caro’ para *carro*)	8/23	34,8%
pré-tônica (‘caruagem’ para *carruagem*)	26/81	32,1%
TOTAL	61/185	33,0%

Input: 0,313 significance: 0,000

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Analisando-se a Tabela 4, vê-se que as trocas foram mais frequentes quando o fonema-alvo estava em posição pós-tônica, como em ‘caro’ para ‘carro’. Isso ocorreu em 34,8% (8/23) das possibilidades. Na sequência, aparece a posição tônica, como em ‘garafa’ para ‘garrafa’. Nesse caso, as trocas ocorreram em 33,3% das possiblidades (27/81). Por fim, na posição pré-tônica, como em ‘caruagen’ para 'carruagem' as trocas ocorreram em 32,1% dos casos (26/81). Cabe destacar, contudo, que a diferença entre os percentuais é bem pequena, o que mostra porque essa variável não foi selecionada como relevante estatisticamente. Isso foi verificado na pesquisa de Martins (2013), em que a tonicidade não se mostrou relevante para o processo de neutralização do rótico.

Analisados todos os dados coletados, pode-se dizer que a frequência de troca do rótico foi bastante alta entre as participantes da pesquisa (33%). Entre as variáveis analisadas (linguísticas e sociais), somente a variável social escolaridade mostrou-se estatisticamente relevante para o fenômeno da troca. Inesperadamente, as informantes com ensino superior fizeram mais trocas do que as que possuem ensino médio. Esse resultado não era esperado, porque, segundo a literatura, as trocas vão diminuindo com o avanço da escolaridade, o que não se verificou neste caso. Isso pode decorrer do fato de as informantes serem todas adultas que trabalham na cidade em que a pesquisa foi realizada, localidade em que boa parte da população neutraliza naturalmente o rótico. Sendo assim, esse tipo de troca não é estigmatizado, na verdade, nem é percebido pela maioria das pessoas.

O resultado causa ainda mais estranheza quando se verifica que foram as mulheres com idade entre 10 e 29 que mais trocaram o rótico, embora essa variável não tenha sido selecionada como relevante. Parte desse público, possivelmente, ainda está na escola, espaço que, na maioria das vezes, é responsável pelas mudanças na fala. Isso pode decorrer do fato de que os jovens, hoje em dia, estão aceitando mais suas características linguísticas pessoais e não tentando mudar sua fala para se encaixar na grande maioria da população.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar em que medida moradoras de Picada Café/RS fazem trocas entre os fonemas /R/ e /ɾ/ em sua fala em português brasileiro. Para tanto, foram analisados contextos linguísticos e extralinguísticos em que essas trocas ocorrem.

Para atingir os objetivos previstos, coletaram-se dados de fala de moradoras da cidade de Picada Café/RS. Os dados obtidos foram analisados de acordo com variáveis linguísticas e sociais pré-estabelecidas pela pesquisadora, como idade, nível de escolaridade e posição do fonema da palavra e tonicidade.

A partir da análise dos 185 dados de fala obtidos, observou-se que, em 67% dos contextos analisado não houve troca do rótico. Verificou-se, também, que, das vinte informantes da pesquisa, 55% não realizaram nenhuma troca; já quatro informantes, o que equivale a 20% do total, trocaram todos os róticos que produziram. As demais cinco participantes realizaram trocas entre 11,0% e 64,3% dos róticos produzidos. Com base nisso, pode-se dizer que a frequência alta de trocas não ocorreu de modo uniforme entre as informantes desta pesquisa.

No que diz respeito à posição do fonema trocado na palavra, as trocas foram mais frequentes quando o rótico estava no início da palavra, resultado que também foi encontrado por Ferreira-Gonçalves, Nunes e Perske (2009), Gewehr-Borella (2010) e Martins (2013).

Quanto à tonicidade do fonema em estudo, os resultados da investigação foram muito parecidos, considerando-se as posições tônica, pré-tônica e pós-tônica. Por esse motivo, o programa de análise estatística não destacou essa variável como relevante, assim como também vimos no estudo de Martins (2013).

Em relação ao fator escolaridade, contrariando as expectativas, as informantes com ensino superior realizaram mais trocas do que aquelas com ensino médio. Além disso, foram as informantes mais novas (idades entre 10 e 29 anos) que mais trocaram o rótico. Segundo a literatura, quanto maior o nível escolar, menor o índice de trocas, porém, o que se descobriu, para este grupo de informantes, foi justamente o contrário. Esse resultado pode ser um indicativo de que as pessoas mais novas estejam começando a aceitar a condição de fazer essas trocas, algo tão comum na comunidade na qual vivem.

É possível pensar, também, que, por um período, essa característica linguística dos moradores de Picada Café não era vista de forma positiva, visto que muitos que hoje são adultos não têm ou têm baixa frequência dessas trocas dos róticos. Essas mulheres, com idade inferior a 29 anos, e que falam da maneira característica da cidade, além de estarem aceitando essa condição de descendentes de alemães com essa característica linguística também ajudam a preservar essa particularidade da língua.

Por meio deste estudo, que se insere na área da Sociolinguística, podemos entender o fenômeno da troca entre róticos encontrado na fala cotidiana de alguns moradores da cidade em questão e percebemos como a cultura é dinâmica e interfere nas análises embasadas na literatura científica. Em outras palavras, podemos inferir que os hábitos culturais das pequenas comunidades estão sendo valorizados nas suas especificidades e seus moradores não se submetem a uma cultura considerada hegemônica.

Podemos considerar os resultados deste trabalho muito satisfatórios, porém entendemos importante comentar sobre a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a participar desta pesquisa. Foram meses de procura por mulheres que se dispusessem a contribuir e muitas solicitações encaminhadas e não respondidas. Em função da pandemia de Covid-19, tivemos que realizá-la através do aplicativo de mensagens WhatsApp, o que, com certeza, dificultou a interação da pesquisadora com as participantes, porém, foi a única forma viável de concluir o trabalho

Entendemos que ainda existem possibilidades de futuras pesquisas sobre sociolinguística na região por estudada, que poderão ser realizadas com um público diferenciado em relação ao gênero, idade, escolaridade entre outros.

REFERÊNCIAS

AÇOUGUE PROGRESSO. Disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1051655-5598,00-ACOUGUE+CENTENARIO+VIRA+MUSEU+NO+RS.html. Acesso em 07/11/2020.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (orgs.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, p. 289-315, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna. 2015.

BRESCANCINI, Claudia. MONARETTO, Valéria. **Os róticos no Sul do Brasil: panoramas e generalizações**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e a Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DUBOIS, Jean (et al). **Dicionário de Linguística**. 15 ed. São Paulo: Cultrix. 2007.

FLORES, Hilda A. Hübner; FLORES, Moacyr. **Picada Café**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

FRAGA, Letícia. Os róticos no português de Carambeí/PR. **Estudos Linguísticos**. XXXV, 2006, p. 1113-1122. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/903.pdf. Acesso em 13/09/2020.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. **A influência da fala bilíngue Hunsrückisch-Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

MACEDO, E.C; LUKASOVA, K.; YOKOMIZO, J.E.; ARIENTE, L.C.; KOAKUTU, J.; SCHWARTZMAN, J.S.
Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). v. 11 n. 2, Jul/Dez 2007, p. 275-283.

MAPA PICADA CAFÉ. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Picada_Caf%C3%A9. Acesso em 07/11/2020.

MARTINS, Rosemari Lorenz. Influências intralinguísticas do Hunsrückisch na escrita em português brasileiro por crianças bilingues do 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental da cidade de Morro Reuter/RS. **Organon**. Porto Alegre. v.30, n.58, p.109-125, jan/jun. 2015.

_____. **Influências Interlinguísticas na Fala e na Escrita de Crianças Bilíngues Falantes do Português e do Hunsrückisch: Consoantes Oclusivas, Fricativas e Róticas**. Tese (doutorado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATTOSO CÂMARA, JR., J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio: Coleção Rex. Edição da "Organização Simões", 1953.

METZ, Vivian Gabriela. **Nova Petrópolis e Picada Café: redes municipais de educação que têm a ensinar sobre sucesso escolar**. Novo Hamburgo: 2018. 105 p. Dissertação (Mestrado Profissional Letras), Universidade Feevale, 2018.
MOINHO. Disponível em http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=8. Acesso em 30/09/2020.

MONARETTO, V. N. de O.; QUEDNAU, L. R. & DA HORA, D. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 205-246.

PARQUE HISTÓRICO MUNICIPAL JORGE KUHN. Disponível em: http://www.picadacafe.rs.gov.br/turismo_int.php?id=16. Acesso em 30/09/2020.

PERSKE, Ketlin E.; Nunes, Glivia Guimarães; Ferreira-Gonçalves, Giovana. **O bilinguismo português/alemão: a influência da oralidade na escrita. Revista Ideias** (UFSM), v. 25, p. 1-12, 2010.

PICADA CAFÉ. Disponível em: http://www.picadacafe.rs.gov.br/. Acesso em 30/09/2020.
_____. Disponível em: https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/243/picada-cafe#sobre. Acesso em 30/09/2020.

PÓRTICO DE PICADA CAFÉ. Disponível em: https://expansao.co/em-picada-cafe-portico-sera-revitalizado/. Acesso em 05/09/2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Científico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. 2 v. Porto Alegre: Globo, 1969.

RUPPENTHAL, Ademar. **Influência cultural na aderência, na satisfação pessoal e social da prática regular da atividade física em idosos do município de Picada Café, RS**. Novo Hamburgo: 2008. 84 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física), Universidade Feevale, 2008.

SCHNEIDER, Maria Nilse. Variação e discriminação linguística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngues. **Calidoscópio**. Porto Alegre, v.7, n.1, p. 79-85, jan/abr 2009.
Disponível em: http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4857. Acesso em 03/10/2020.

SPINASSÉ, Karen Pupp. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**. Cândido Rondon, ano IX, n.19, p.117-126, 2008. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187500/000687867.pdf?sequence=1. Acesso em 04/10/2020.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SPERB, Angela Tereza; WERLE, Susana Maria Malmmann (Orgs). **Na trilha dos Lírios**: Escola e comunidade traçam seu futuro através do passado. Picada Café: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Turismo de Picada Café, 2004.

_____. Açougue Progresso. Disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1051655-5598,00-ACOUGUE+CENTENARIO+VIRA+MUSEU+NO+RS.html. Acesso em 07/11/2020.

STEFFEN, Martina. Variação diastrática e diageracional do R-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã do Rio Grande do Sul. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v.28, n.54, p.241-256, jan/jun 2013.
Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/38066. Acesso em 03/10/2020.